

História, Imagem e Literatura: um diálogo possível?

Fernanda Reis¹

Resumo: Este breve ensaio tem como proposta pensar as possíveis relações entre História, Imagem e Literatura. Para tanto, será exposto uma análise sobre a produção historiográfica a partir da inserção da imagem fotográfica e da pintura artística, bem como da Literatura como fontes de pesquisa histórica. Destacam-se as metodologias para o uso dessas novas fontes de pesquisa para o historiador. Ainda nesse ensaio, buscou-se analisar as transformações e as limitações que os historiadores dedicados ao uso dessas novas formas de escrever a história vêm enfrentando ao longo do tempo e como essas questões podem e devem ser superadas.

Palavras-chave: História – Imagem – Literatura

History, Picture and Literature: a dialogue possible ?

Abstract: This short essay is a proposal think the possible relations between history, Photography and Literature. To this end, an analysis will be exposed on the historical production from the insertion of the photographic image and the artistic painting and literature as sources of historical research. Stand out the methodologies for using these new sources of research for the historian. Also in this test, we sought to analyze the changes and limitations that historians dedicated to the use of these new forms of writing history have faced over time and how these issues can and should be overcome.

Keywords: History – Picture – Literature

A pesquisa histórica desde a fundação da revista francesa *Annales* tem possibilitado campos de discussões ainda muito recentes aos historiadores. Roger Chartier em *História Cultural: Entre Práticas e representações* (1988) pensa em um tempo de incertezas e inquietudes realizadas pela história nos últimos anos. Nesse sentido, as fontes históricas vêm criando novos caminhos e novos olhares ao historiador. Com o

¹ Formada em História pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul- Campus de Coxim. Mestre em História pela Universidade Federal da Grande Dourados. Atualmente é professora substituta do curso de História da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul/ Coxim. Membro do Grupo de Estudos História, Cultura e Sociedade. Membro do Núcleo de Estudos em História Social da Imagem e do Som e Membro do núcleo de Pesquisa em Ensino de História. Sua área de interesse concentra-se na História cultural, com ênfase em Artes Plásticas e literatura.

advento das novas abordagens propostas pelos Anales outras fontes passam a ser inseridas no cotidiano da produção historiográfica, possibilitando um olhar mais crítico e minucioso quanto às análises empreendidas nas pesquisas.

Quanto a produção intelectual dos historiadores, estas têm modificado-se de forma significativa, transformando as modalidades de escrever a História. Segundo Revel (1998), essas transformações ocorrem por influência do surgimento de novos territórios que passam a ser explorados pela pesquisa histórica e pelos novos objetos, possibilitando a construção de temáticas originais, bem como pela crescente forma de abordagens que passam a fazer parte do trabalho historiográfico. (REVEL,1998). Desvelam assim a infinitude de leituras possíveis empreendidas pelo historiador. Desse modo, essa ligação da História com outras áreas, outros objetos e diversas fontes implicam também em diferentes formas de escrever a História.

Esse processo de transformação no campo da pesquisa histórica é parte da crise paradigmática que redefiniu algumas questões na teoria e metodologia no campo da pesquisa histórica. O fim das certezas inabaláveis permitiu uma discussão mais vasta e complexa no campo do conhecimento. Todavia, impôs a busca de novos caminhos para o desenvolvimento da pesquisa em História. Entende-se que esses novos caminhos nunca serão definitivos, como outrora pensou-se, mas percebe-os como renovados por diferentes modos de ver e se contar o que passou.

Reconstruindo a trajetória dessas transformações no fazer histórico, os primeiros embates do início do século XX pesou na história tradicional que fora atacada a partir das propostas apresentadas pelos Annales. Esse grupo de historiadores naquele momento não desferiu críticas diretas à questão da linguagem, no entanto, demonstravam a impossibilidade de uma história imparcial, que teria como lugar primordial a escrita.

A maior transformação da história tradicional veio com a escrita do livro *Metahistória* de Hayden White (1991). Este autor pode ser comparado a Roland Barthes, que anteriormente havia produzido texto polêmico acerca da temática: *O discurso da História* (1967). Nesse texto Barthes questiona de forma incisiva as bases da legitimidade epistemológica da história. No entanto, a obra de Barthes não causou tanto impacto em meio aos historiadores quanto White. Possivelmente por sua análise estrutural compreender um caráter impostor do texto histórico. Barthes atribuiu a verdade do texto histórico a uma estratégia textual que denominou de “efeito real”. Para

o autor, o fato histórico é antes um fato linguístico porquanto se pretende reflexo de algo fora do texto:

O fato não tem nunca senão uma existência linguística (como termo de um discurso), e no entanto tudo se passa como se essa existência não fosse senão a “cópia” pura e simples de uma outra existência, situada num campo extra-estrutural, o “real”. Esse discurso é sem dúvida o único em que o referente é visado como exterior ao discurso, sem, todavia nunca ser possível atingi-lo fora desse discurso. (BARTHES, 1984, p. 129).

Nessa perspectiva, os novos caminhos percorridos atualmente pelos historiadores se configuram por meio de um debate ainda caro aqueles historiadores que se aventuram a escrever a história a partir dessas novas perspectivas. Embora entenda-se que os Historiadores estão cada vez mais inseridos em um lugar demarcado por indefinições e por fronteiras intelectuais que rumam a uma discussão do novo, do inesperado. Buscam um discurso empreendido por vozes compartilhadas, que segundo Peter Burke, vive-se:

[...] uma era instigante e, ao mesmo tempo, confusa. Podem-se encontrar referências a Mikhail Bakhtin, Pierre Bourdieu, Fernand Braudel, Norbert Elias, Michel Foucault e Clifford Geertz nos trabalhos de arqueólogos, geógrafos e críticos literários, assim como de sociólogos e historiadores. O surgimento do discurso compartilhado entre alguns historiadores e sociólogos, alguns arqueólogos e antropólogos, e assim por diante, coincidem com um declínio do discurso comum no âmbito das ciências sociais e humanidades e, a bem da verdade, dentro de cada disciplina. (BURKE, 2002:23).

Essa relação interdisciplinar que Burke sugere, tanto da História com outras áreas, como dessas outras disciplinas com a História é que vai definir essa nova proposta na escrita o no pensar histórico. Essa relação de mão dupla é que permitirá a problematização do passado no sentido de reconstruir ideias e experiências propiciando a mudança e conseqüentemente a transformação nos modos de narrar a História.

As fontes, consideradas a matéria primordial do trabalho do historiador vestem-se hoje com uma nova roupagem. Essas passam a ser consideradas “indiciárias” (GINZBURG, 1990) daquilo que poderia ser o acontecimento passado. Por meio desses “indícios” o historiador constrói uma versão, ou seja, uma ressignificação imaginária do real.

Em razão dos discursos acerca dessas novas tendências historiográficas, o ponto fulcral desse artigo pauta-se na questão dos diálogos entre imagem, Literatura e

História. Três distintas formas de registrar o discurso da humanidade, que diferenciam-se por quase invisíveis conceitos de ficção e verdade.

HISTÓRIA E IMAGEM.

Em relação ao uso da imagem como fonte de pesquisa histórica, Ivan Gaskell em seu artigo *História das Imagens*, publicado em *A Escrita da História* (1992) discute a contribuição de alguns historiadores ao utilizar o material visual de uma forma especificamente histórica. Este exalta o mau uso das imagens por parte de alguns historiadores, utilizando essa fonte apenas como mero instrumento ilustrativo. Nesse sentido é raro que a opinião do historiador seja levada em conta quando as imagens são debatidas num contexto mais amplo. (GASKEL; 1992:238). Como então utilizar métodos eficientes de análise desses materiais distintos e singulares? Como definir procedimentos para o tratamento dessas fontes?

Pensando os diálogos entre história e outras áreas do conhecimento, destaca-se a Semiologia, que baseia-se nas diversas formas de linguagem expressas pelo ser humano. A semiologia tem como objeto de estudo qualquer sistema de signos², entre ao quais encontra-se as imagens, que estão carregadas de significados. Roland Barthes (1984) defende a ideia de que existem outros sistemas de signos além da fala e da escrita. Entretanto, a interpretação desses signos permite a construção de uma linguagem. Nessa perspectiva pensa-se esta relação como um meio de produção da escrita histórica, construindo assim uma linguagem através da imagem transformando-a em documento.

No caso da imagem fotográfica, esta não deve ser considerada um registro objetivo da realidade, levando em conta os interesses, as crenças, valores e preconceitos que o fotógrafo impõe sobre o ato de fotografar. Que lhe é muito particular inclusive. Assim como os fotógrafos os historiadores não apresentam reflexos da realidade, mas sim representações. Pode ser entendido como a materialização da experiência vivida, elemento que serve de memória do passado, ou até mesmo uma trajetória de vida. A

²Interpretamos o sentido de Signo a partir do conceito de Charles Sanders Peirce: Um Signo é um *representâmen* do qual algum interpretante é a cognição de um espírito. Os Signos são os únicos *representamens* que têm sido mais estudados. [...] Os signos são divisíveis conforme três tricotomias; a primeira, conforme o signo em si mesmo for uma mera qualidade, um existente concreto ou uma lei geral; a segunda, conforme a relação do signo para com seu objeto consistir no fato de o signo ter algum caráter em si mesmo, ou manter alguma relação existencial com esse objeto ou em sua relação com um interpretante; a terceira conforme seu Interpretante representá-lo como um signo de fato ou como um signo de razão. (PEIRCE, Charles S. *Semiótica*; São Paulo, Perspectiva, 2010.p. 51).

fotografia é uma imagem revelada pelo homem, carregada de valores e sentimentos. Ao mesmo tempo em que ela representa tudo isso, também pode nada dizer. (CARDOSO; 1997:405). O grande desafio do historiador é justamente perceber o que está além do revelado pela imagem. Faz-se necessário desvendar uma rede de significados, muito particular onde homens e signos interagem entre si. A análise da imagem fotográfica deve ser entendida primeiramente como um trabalho cultural, portanto, transformada pelo homem consumidor de signos.

A imagem fotográfica, parte dessa rede complexa de significados, é ainda uma pista, um indício para a compreensão daquilo que é produzido pelo indivíduo. Ela está pautada em uma convenção socialmente construída que revela aspectos de uma época. Por isso é também parte da memória. (CARDOSO; 1997: 412). A fotografia, segundo Barthes (1984) é capaz de produzir um saber etnológico. Este saber será utilizado também como pressuposto teórico metodológico na pesquisa para estabelecer interconexões entre História e Imagem:

Como a fotografia é contingência pura e só pode ser isso (é sempre alguma coisa que é representada) – ao contrário do texto que, pela ação repentina de uma única palavra, pode fazer uma frase passar da descrição à reflexão-, ela fornece de imediato esses “detalhes” que constituem o próprio material do saber etnológico. [...] Posso descer mais ainda no detalhe, observar que muitos homens fotografados por Nadar tinham unhas compridas: pergunta etnográfica: como se usavam as unhas em tal ou tal época? Isso a fotografia pode me dizer, muito melhor que os retratos pintados. (BARTHES, 1984: p. 50-51).

Alguns caminhos permitem “interpretar” a fotografia nas entrelinhas. O conhecimento do momento em que a imagem foi produzida, o contexto no qual foi revelada e qual a intenção ao produzir a imagem são algumas perguntas que o historiador deve fazer a fotografia quando lhe é dada à característica de fonte. Outra análise empreendida é perceber elementos que compõe o todo da imagem, signos que podem emitir uma mensagem significativa para compreensão do texto imagético, bem como ter conhecimento da parte técnica e teórica é fundamental para essa reflexão.

Interessante perceber que a imagem entendida como um documento pode conter elementos muito mais descritivos de determinada realidade que a própria mensagem verbal e ou escrita. Ela pode descrever com riqueza de detalhes cenas, trajetórias de vidas, espaços, relações sociais. O historiador tem em mãos uma fonte muito valiosa no que se refere a sua mensagem ou por quem a produziu. Através da imagem fotográfica é

possível trabalhar no campo da memória, ela é um registro memorialístico, portanto, um monumento.

Nas artes plásticas, entenda-se nesse caso específico a pintura, a análise empreendida sobre elas não se diferencia muito da fotografia. Assim como esta, a pintura também é uma representação da realidade. Partindo dessa premissa, entende-se que apesar de suas particularidades, a arte é parte da construção social assim como da história dos homens na sociedade. Sendo ela parte desse *constructo* sócio-histórico é também fonte para o historiador.

A pintura não tem como fim a explicação, ela se propõe a manifestar-se como saber. É mais relacionado com a estética do que com a lógica. Ela cumpre algumas funções importantes que ajudam a definir o seu uso como fonte de pesquisa histórica. A pintura tem como função a: prática, a teórica, a mágico-religiosa e a função estética. No caso da pintura como fonte histórica entende-se que a função teórica é a que melhor se enquadra nesse projeto em razão do historiador usar a arte como um texto a ser interpretado. Segundo Sousa: “*A função teórica apresenta o objeto para estudo, o qual será percebido em suas estruturas formal e conceitual e no seu contexto de significação. O objeto será observado como um texto capaz de exprimir informações teóricas.*” (SOUSA; 2005: 21). Portanto, deve ser interpretada pelo historiador como um texto que assim como a fotografia será compreendido nas entrelinhas. Será percebida e sentida culminando no conhecimento. A arte interage com o conhecimento porque esse exerce uma relação estética com o mundo e neste caso é necessário sentir o mundo para conhecê-lo. (SOUSA 2005: 21).

Ao analisar a imagem, o historiador deve ocupar-se em compreendê-la como uma representação. Portanto, ela é um signo, um símbolo *significante* da imagem que carrega em si o *significado* da representação. Mas, além disso, a pintura artística pode ser percebida para além da manifestação primeira do artista. Problematizar a imagem é contextualizá-la. Atribuir caráter de registro de seu tempo a imagem é também parte do trabalho do historiador ao usar as imagens como fonte de pesquisa. A história está presente no texto artístico que por sua vez é apresentado através de uma composição visual. Segundo Sousa, é em meio à estrutura da expressão que se manifestam à estética e a linguagem e em razão das construções históricos culturais que períodos distintos produzem formas distintas de expressão. (Cf. SOUSA; 2005:35).

O estudo sobre a história da arte é de fundamental importância para a análise de uma obra como fonte de pesquisa para o historiador. Considerando o tempo histórico, o

recorte temporal que o pesquisador irá utilizar em seu trabalho, é indispensável o estudo e o conhecimento da arte em si.

As imagens contêm mensagens representadas por signos e símbolos que podem e devem reconstruir um passado, fazem parte da produção humana, portanto, falam sobre coisas humanas. O que é campo de interesse do historiador. Parafraseando Ginzburg, o conhecedor de arte – aqui no caso o historiador da arte – é comparável ao detetive que descobre o autor do crime (do quadro) baseado em indícios imperceptíveis para a maioria. (Ginzburg; 1989:145).

HISTÓRIA E LITERATURA

O texto Literário é também um elemento consideravelmente novo no campo da pesquisa histórica. Os caminhos e as discussões que permeiam o uso desse texto como fonte para o historiador ainda geram alguns debates acalorados na academia. Embora alguns trabalhos com o uso dessa fonte tenham obtido ótimos resultados, ainda nos deparamos com algumas dificuldades no campo metodológico quanto ao uso do texto literário como fonte de pesquisa ao historiador. Para Albuquerque Júnior:

A relação entre história e Literatura é um dos temas mais recorrentemente debatidos nos últimos anos pelos historiadores. Desde que o estruturalismo e a chamada virada linguística colocaram a linguagem e a narrativa nos centro das discussões, no campo das Ciências Sociais, os historiadores vêm se debatendo com o fato de que escrevem, de que utilizam a linguagem, de que narram e de que a narrativa é a forma através da qual constroem a própria noção de temporalidade e, portanto, articulam o próprio passado e seus eventos. (2007:43).

Desse modo, o debate sobre a relação entre História e Literatura está para além das questões interdisciplinares. A Literatura no campo da História não deve assim como as imagens, servir de ilustrações rápidas e passageiras dentro do trabalho de pesquisa. Essa relação deve se dar de forma a interconectá-las contribuindo para a produção de conhecimento histórico:

As relações entre História e Literatura estão no centro do debate sobre a disciplina histórica na atualidade. Constituindo-se em linha de pesquisa destacada, o estudo desse intercâmbio remete, no entanto, a uma reflexão que já acumula várias décadas e

envolve diferentes áreas das humanidades preocupadas com a linguagem. Pautado por uma ótica interdisciplinar e comparativista, tal linha acompanha a propensão contemporânea de se interrogar as fronteiras de conhecimento que a tradição institucional construiu. Questionam-se os limites entre arte, ciências e filosofia, ficção e verdade; gêneros literários; narrativa histórica e narrativa literária. Todavia, se essa tendência pode representar um caminho de renovação teórica, metodológica e disciplinar, lançando indagações de enorme amplitude. (FERREIRA, 1996:54).

As limitações e expressões entre fato e ficção, Ciência e Arte, verdade e invenção, são alguns elementos que tentam manter História e Literatura como distintas formas de conhecimento. Se houver entendimento que a linguagem ou a configuração de diferentes formas de linguagens fazem parte do ofício do historiador, é então possível conferir uma dimensão literária à escrita histórica. Nessa perspectiva, impõem-se uma ampliação das definições tradicionais da História e da metodologia histórica.

Albuquerque Júnior (2007) desenvolve uma análise a partir da teoria lacaniana que explica o real e o simbólico no contexto do debate acerca da produção literária e historiográfica:

Tanto o discurso historiográfico quanto o literário fazem parte daquilo a que Lacan chamou de simbólico e Deleuze e Gattari chamaram de linha de simulação, ou seja, aquela instância que afronta o real e procura dar-lhe forma, consistência, dotando-o de certa ordem, certa estabilidade, certa regularidade, dotando-o de significado.

Essa análise de Albuquerque Júnior referenciando o real e o simbólico permite uma reflexão quanto ao debate das relações entre História e Literatura. Se estiver entendido que a produção historiográfica não mais representa os reflexos de uma realidade imutável, de verdades intransponíveis, o discurso produzido pelos historiadores passa a ser percebido então como a representação do real. Problematizando o passado dando significado aos acontecimentos. Corroborando para o entendimento que a História, assim como a Literatura não são expressões verdadeiras de uma realidade imutável, mas sim representações dessa realidade.

Se buscarmos referências na Antiguidade, podemos observar que existia uma diferenciação entre o que considerava-se História e o que era Literatura. Entendia-se que ambas eram formas de narrativas. No entanto a História encontrava-se no campo da verdade, enquanto a Literatura pressupunha uma história inventada. Superada essas

questões, hoje entende-se que a própria escrita histórica não é dona da verdade e tão pouco a Literatura necessariamente pressupõe uma história inventada. Hayden White (1994) questiona a existência de um saber especificamente histórico. Desataca as fronteiras que separam a história da literatura e da filosofia: *“Toda disciplina é constituída por um conjunto de restrições ao pensamento e à imaginação, e nenhuma é mais tolhida por tabus do que a historiografia profissional”*. (1994:29). Dessa forma, o autor destaca que uma maior atenção às perspectivas crítico-literário podem e devem contribuir para que o historiador rompa com os tabus disciplinares e então passem a observar a literatura como uma fonte profícua para a pesquisa historiográfica. *“A Literatura ameaça a História à medida que nela ainda vem se alojar o estranhamento como nossa condição de existência, tanto coletivo como individual.”* (ALBUERQUE JR. 1997: 48).

Para Antônio Cândido (2006) é inviável entender a obra sem fundir texto e contexto numa conexão dialeticamente íntegra. (2006:14). Para Cândido, os elementos externos, no caso, os sociais, *“são importantes não como causa nem significado, mas como elemento que desempenha um certo papel na constituição da estrutura tornando-se portanto, interno”*. (2006:14). Dessa forma compreende-se que o que está colocado não é apenas o formato narrativo que divide-se entre o texto ficcional e o historiográfico. Tanto um como outro tem uma conexão significativa. No caso das narrativas literárias, pode-se perceber a partir dos personagens um resgate de vidas passadas ou até mesmo do presente. Considerando que mesmo não existindo de verdade os personagens representam pessoas reais. As histórias foram construídas a partir de contextos históricos, por processos dependentes de suas próprias atitudes, dessa forma fazem parte também da História.

Em artigo publicado por Roland Barthes (1984): *O Discurso da História*, este questiona a ausência do eu-narrador da produção historiográfica. O historiador, para o autor é visto como uma testemunha dos acontecimentos filtrados do passado tanto distante como presente. Assim, através da “Sanção da Ciência Histórica” o historiador elaborará o discurso do real. Os apontamentos de Barthes nos levam a reflexão de que os historiadores, ao buscarem suas fontes para desenvolver suas análises de pesquisa, poderão ser questionados: será que estes analisam a realidade ou a ficção? A verdade ou a mentira?

Para encerrar este breve ensaio, é importante nesse momento retomar a ideia para as fronteiras entre os modos de registrar o que aconteceu, bem como o que é

imaginado por alguém criando novas necessidades de compreensão de como se dá a relação entre a escrita histórica a partir da inserção de novas fontes como as imagens e o texto literário. Ficou claro que tanto a História, como as imagens e a Literatura, são artefatos verbais. Cada qual em suas medidas e formas de análise. De modo que as narrativas de fatos que foram observáveis e que são considerados históricos em seus aspectos formais, são semelhantes aos fatos narrados (ou produzidos) e que são produtos da imaginação de um narrador e ou um produtor de uma imagem.

Como destaca Hayden White (1994), a realidade pode ser representada de forma indireta pelo romancista, este que usa da imaginação para escrever seu romance, diante da figuração da linguagem. Por sua vez, o historiador registra propostas que afirma corresponder aos detalhes extratextuais. A esse debate, acrescento ainda, as imagens, que também podem e devem ser vistas como narrativas de um acontecimento, fruto da imaginação de quem as produziu. São formas de linguagens extratextuais que compõem o espaço de produção historiográfica.

A Literatura, assim, como as imagens e a história são representações de determinada realidade, portanto, passíveis de análise historiográfica. Sendo assim, são profícuas fontes de pesquisa para historiador.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE JR. Durval. *História: a arte de inventar o passado*. Bauru. São Paulo: EDUSC, 2007.

BARTHES, Roland. *A Câmara Clara*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

_____. *Elementos de Semiologia*. 16. ed. São Paulo: Cutrix, 2006.

_____. *O prazer do texto*. 5º Ed. Sp:Perspectiva, 1999.

_____. *Os rumos da língua*. SP. Martins Fontes, 2004.

BAUDELAIRE, Charles. *Sobre a Modernidade*. Teixeira Coelho (Org.). Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1996.

BLOCH, Marc. *Apologia da História ou o Ofício do Historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BURKE, Peter. *A Escola dos Annales: A Revolução Francesa da Historiografia*. São Paulo: UNESP, 1997.

BURKE, Peter. *A Escrita da História: Novas perspectivas*. São Paulo: UNESP, 1992.

CÂNDIDO, Antônio. *Literatura e Sociedade*. 9ªed. Ed. Ouro Sobre Azul. RJ, 2006.

CARDOSO, Maria Abdia. *O Campo da História: Especialidades e Abordagens*. Fênix Revista de História e Estudos Culturais/ UFU. Uberlândia- MG. Volume 2, Ano II, Nº 3 2005.

CHARTIER, Roger. *Cultura, escrita, Literatura e História*. Porto Alegre:Artmed, 1998.

GINZBURG, Carlo. *Nenhuma Ilha é uma Ilha: quatro visões da Literatura inglesa*. SP. Companhia das Letras, 1989.

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. São Paulo: Editora UNICAMP, 2003.

PEIRCE, Charles Sanders. *Semiótica*. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 2010.

REVEL, Jacques. (Org.). *Jogos de escalas: experiência da microanálise*. RJ:FGV,1998.

SOUSA, Richard Perassi Luiz de. *Roteiro Didático da Arte na Produção do Conhecimento*; Ed. UFMS: Campo Grande, MS: 2005.

WHITE, Hayden. *Trópicos do discurso: ensaios sobre a crítica da cultura*. São Paulo: EDUSP, 1991.